# A INFLUÊNCIA DA ESPETACULARIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLECENTES E NO ENFRAQUECIMENTO DO PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO

Giovanna Da Cas Engelke
*Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, SC, Brasil.*[1]

## RESUMO

*O estudo analisa os impactos da espetacularização na formação identitária de adolescentes e em sua percepção de pertencimento ao território. Entendida como um processo que transforma experiências, relações e espaços em mercadorias voltadas à visibilidade e ao consumo, a espetacularização influencia a construção da autoimagem e a forma como os jovens percebem o ambiente em que vivem, investigando-se como a valorização da aparência em detrimento da essência pode fragilizar o senso crítico, a autonomia e os vínculos comunitários. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, realizou-se com estudantes do ensino médio da Escola de Educação Básica Estadual Cecília Rosa Lopes, em São José/SC. Os procedimentos metodológicos incluíram questionários, entrevistas semiestruturadas e atividades reflexivas, tendo como recorte analítico a Praça C.H. Forquilhinha. Os resultados indicam que a lógica da espetacularização, intensificada pelas redes sociais, contribui para percepções negativas sobre o território vivido, frequentemente associado à ausência de atratividade estética, enquanto espaços com maior visibilidade midiática tendem a ser supervalorizados. Observou-se também a influência desses padrões na autoimagem juvenil, marcada pela comparação constante e busca por validação social. Conclui-se que a arte e a educação constituem ferramentas essenciais para o fortalecimento da autonomia, da reflexão crítica e da valorização do espaço vivido, favorecendo a construção de identidades mais autênticas.*

***Palavras-Chave:*** *Espetacularização; Pertencimento; Território; Educação; Arte.*

## INTRODUÇÃO

A espetacularização na sociedade contemporânea pode ser compreendida como um processo em que experiências, relações e espaços passam a ser transformados em mercadorias, valorizadas não apenas por seu uso ou significado, mas sobretudo por sua capacidade de serem exibidas, consumidas e compartilhadas. Nesse contexto, a vida cotidiana é reorganizada sob a lógica da visibilidade e do consumo, em que imagens, estilos de vida e até identidades são produzidos e apresentados como produtos atrativos. Assim, o que antes era vivido de forma espontânea passa a ser mediado por critérios de

[1] *Professora de arte na rede de ensino estadual de Santa Catarina, estudante do programa de pós-graduação em arte visual da Universidade do Estado de Santa Catarina, na disciplina de Preservação do patrimônio cultural. E-mail: giovannaengelke@hotmail.com • https://lattes.cnpq.br/1715969086426130.*

aparência, reconhecimento e circulação, reforçando uma cultura em que o "parecer" muitas vezes se sobrepõe ao "ser", e em que a experiência ganha valor na medida em que pode ser transformada em espetáculo.

Nesse contexto, a espetacularização pode impactar diretamente a formação integral do individuo, uma vez que interfere na sua construção, autonomia e percepção de si e do mundo. Ao priorizar a visibilidade, a aprovação externa e a lógica do consumo, o jovem tende a orientar suas escolhas e comportamentos a partir do olhar do outro, o que pode fragilizar o desenvolvimento de um senso crítico e de valores próprios. Além disso, a constante comparação com padrões idealizados pode gerar insegurança, ansiedade e dificuldades na autoestima, afetando dimensões emocionais e sociais fundamentais.

Ademais, esse processo não afeta apenas a forma como o adolescente se percebe, mas também a maneira como enxerga o espaço em que vive. Ao internalizar padrões baseados na aparência, o jovem pode desenvolver uma visão distorcida marcada pela comparação, avaliando sua comunidade não por seus significados históricos, afetivos e sociais, mas por seu potencial de exposição e reconhecimento. Com isso, tanto a autoimagem quanto o olhar sobre sua comunidade são influenciados por critérios superficiais, enfraquecendo o sentimento de pertencimento, valorização das experiências cotidianas e cultura local.

Ao se considerar esse contexto, torna-se imprescindível compreender e analisar os impactos da espetacularização e do consumo na subjetividade de adolescentes e em sua percepção de pertencimento, visando discutir o papel da arte e da educação como ferramentas de mediação e fortalecimento da autonomia desses jovens em relação ao território.

A partir disso, cabe indagar: como a busca por visibilidade molda a relação do adolescente consigo mesmo e com o seu território? Qual o potencial da arte e da educação para mediar esse processo?

A pesquisa permeia como metas: Examinar como a cultura da imagem e do consumo molda o cotidiano e afeta a maneira como os jovens se percebem e se vinculam ao seu lugar, então, discutir o papel mediador da arte e da educação.

Para dar materialidade a essa reflexão, foram ouvidos estudantes do ensino médio na Escola de Educação Básica Estadual Cecília Rosa Lopes, localizada no município de Forquilhinhas, São José/SC, região metropolitana de Florianópolis. A problemática por consequência dialética foi localizada no território vivido pelos sujeitos da pesquisa, ou

seja, o entorno da instituição, especificamente a Praça C.H. Forquilhinha, considerada pelos moradores como patrimônio cultural por seu valor cotidiano.

Adotando uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo a investigação foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica acerca dos conceitos de espetacularização, identidade e território, articulada à investigação empírica. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados questionários e entrevistas semiestruturadas. O questionário, composto por seis questões abertas de livre resposta e caráter dissertativo, foi aplicado a um grupo de estudantes, obtendo-se o retorno de 20 questionários devidamente respondidos. Essa abordagem permitiu coletar dados qualitativos aprofundados a partir das percepções dos próprios participantes, além de atividades reflexivas (debates realizados em duas turmas que contam com aproximadamente 25 alunos cada) voltadas à percepção da comunidade que circunda a escola. Dessa forma, busca-se desvelar as relações entre a construção identitária dos adolescentes e o modo como percebem e se vinculam ao espaço em que vivem.

A relevância deste estudo reside pela crescente influência da cultura da imagem na subjetividade adolescente, fenômeno que recorrentemente invisibiliza realidades locais em favor de padrões dominantes. Propor esse olhar sobre o cotidiano escolar e urbano de Forquilhinhas permite não apenas diagnosticar esses apagamentos, mas também reafirmar o potencial da educação na construção de novos horizontes.

Na consecução desta proposta, o artigo estrutura-se em três seções principais. Inicialmente, estabelece-se a fundamentação teórica acerca da cultura da imagem e das tensões entre visibilidade e apagamento no contemporâneo. Na sequência, apresenta-se a análise dos relatos e debates realizados com adolescentes. Por fim, sopesa-se o papel da educação estética como mediadora desse processo.

**Contexto histórico sobre o bairro e a comunidade da Forquilhinhas:**

Como relatado anteriormente, o estudo se desenvolve através de uma análise sobre a implicação do fenômeno da espetacularização e invisibilização na vida cotidiana de adolescentes, empregando como base além de suas percepções identitárias a Praça C.H. Forquilhinha, utilizada como recorte analítico da investigação, todavia, configura-se apenas um exemplo representativo de dinâmicas passíveis de ocorrência em outros contextos semelhantes.

Com relação ao bairro Forquilhinhas, cumpre contextualizar que é uma área cuja origem está ligada ao processo de expansão urbana ocorrido a partir da década de 1970. Antes caracterizado por áreas rurais, o local passou a ser ocupado por meio de loteamentos e pela chegada de populações migrantes, consolidando-se como um bairro residencial periférico. Com o tempo, incorporou infraestrutura e equipamentos urbanos, desenvolvendo uma dinâmica social própria e tornando-se um importante espaço de construção de identidades locais.

Justamente por ser um bairro de formação recente, suas construções não remetem, em geral, a um valor patrimonial histórico tradicional, mas sim a um valor patrimonial de caráter afetivo e funcional. Nesse contexto, os espaços e edificações ganham significado a partir do uso cotidiano, das relações sociais e das experiências vividas pela população local, estando mais ligados à memória coletiva e ao pertencimento. Assim, o patrimônio presente no bairro se constrói no dia a dia, refletindo as necessidades, práticas e identidades da comunidade que o habita.

Nesta linha, impele mensurar comedidamente que as múltiplas dimensões de patrimônio cultural, ao longo do tempo, deslocam-se de uma visão vinculada ao passado para uma abordagem mais ampla, que incorpora os valores atribuídos no presente. Nesse sentido, Alois Riegl (2014) já apontava, no início do século XX, que os monumentos não deveriam ser valorizados apenas por sua antiguidade ou mérito artístico, mas também por seu valor de uso, ou seja, por sua capacidade de atender às necessidades da vida contemporânea. Essa ampliação é aprofundada por Françoise Choay (2001), ao afirmar que o patrimônio ultrapassa os limites dos vestígios históricos e passa a abranger tudo aquilo que uma coletividade reconhece como significativo para sua identidade no presente.

É nesse contexto que se insere a Praça C.H. Forquilhinha, espaço urbano de construção recente que, apesar de não possuir valor histórico consolidado, apresenta forte relevância funcional e social para os moradores do bairro, configurando-se como um lugar de convivência, lazer e construção de vínculos, o que lhe confere potencial valor patrimonial a partir da experiência cotidiana da comunidade.

Para elucidar melhor o espaço escolhido, agrega-se imagem:



**Figura 01** – Praça C.H Forquilinha
**Fonte**:Teixeira (2013?).

Como pode ser observado na imagem, a praça é um espaço simples, condizente com o contexto do bairro em que está inserida, o que contribui para que muitas vezes passe despercebida. Em um cenário no qual os ambientes urbanos são cada vez mais avaliados por sua capacidade de gerar impacto estético, visibilidade e atratividade midiática, lugares cotidianos tendem a ser negligenciados. Dessa forma, ainda que desempenhe funções relevantes no convívio social e na vida comunitária, a praça permanece à margem do reconhecimento coletivo, evidenciando como a ausência de espetacularização contribui para processos de invisibilização no cotidiano urbano. Nesse sentido, o próximo item aprofundará a análise dos fenômenos da espetacularização e da invisibilização, abordando suas implicações de forma mais específica.

**Conceito teórico de espetacularização e a invisibilização:**

Em consonância com as discussões apresentadas, torna-se pertinente trazer à baila referências, ainda que de forma introdutória, acerca do conceito de espetacularização, o qual encontra sua gênese na crítica de Guy Debord sobre a "Sociedade do Espetáculo". Para Debord, o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens: “[...] Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção apresenta-se como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13).

Tal conceito encontra constituição em diversas searas da sociedade, desde o modo como nos vimos, até como entendemos o lugar que vivemos. No contexto urbano,

percebemos a influência da espetacularização voltada à apresentação rasa de locais destinados ao exibicionismo, unicamente para uma aparência de "instagramável" Segundo Harvey (2014), a produção do espaço urbano tende a ser orientada por interesses econômicos e políticos específicos, resultando em intervenções que privilegiam determinados grupos em detrimento das necessidades coletivas.

A sociedade do espetáculo expressa à transformação de pessoas e relações em objetos, privilegiando o "ter" como condição para o "ser" e a necessidade de inclusão a determinados grupos. Essa lógica atravessa diferentes esferas sociais e se associa ao enfraquecimento de instituições como a família e a educação, ao mesmo tempo em que favorece a adesão acrítica a padrões sociais, especialmente entre os jovens (GOMES; LEITE JUNIOR, 2021).

Nesta mesma vertente, quando estudada a espetacularização sob a óptica da vida nas redes sociais, se vislumbra experiências cotidianas transformadas em vitrines idealizadas, nas quais padrões de sucesso, beleza e felicidade são constantemente exibidos e reforçados. Logo, os indivíduos passam a internalizar tais referências como metas a serem alcançadas, e como consequência, intensifica-se uma lógica de consumo voltada não às necessidades reais, mas à busca por pertencimento e validação social, alimentando desejos frequentemente dissociados da realidade material dos sujeitos.

Ambas as referências evidenciam uma dinâmica artificial que, frequentemente, negligencia os enfrentamentos necessários à realidade. De forma correlata, observa-se o fenômeno da invisibilização, paralelo à espetacularização e marcado pelo apagamento de problemáticas e sujeitos que não se adequam à lógica dominante.

Cumpre mensurar que a invisibilização, não é a ausência física de algo, mas sim um apagamento político e social. Ela ocorre quando certas narrativas, corpos ou expressões são deliberadamente ignorados ou silenciados pelos discursos oficiais.

Ela atua como um engenho silencioso de regulação do comportamento, ao delimitar quais experiências são dignas de visibilidade e reconhecimento. Indivíduos fortemente imersos na espetacularização tendem a ajustar suas práticas, aparências e discursos para se adequarem aos padrões mais valorizados, evitando aquilo que possa gerar rejeição ou indiferença. Como consequência, aspectos da identidade que não se encaixam nessa lógica são suprimidos ou ocultados, favorecendo a construção de versões idealizadas de si e reforçando um ciclo de padronização, comparação e busca constante por validação social.

Na arquitetura urbana é projetada para segregar, aquilo que é ocultado torna-se politicamente inexistente. Assim, a luta por visibilidade é, em última instância, uma luta por existência e por direitos.

Ao "Não olhar", a sociedade "decide" não ver o que é desconfortável. Por exemplo: o grafite de protesto na cidade que é coberto por tinta cinza sob o pretexto de "limpeza urbana" é um ato de invisibilização da voz da periferia.

Concretamente, quando tais mecanismos incidem sobre a construção humana, o cenário se agrava, pois a adolescência é uma fase marcada por profundas transformações físicas, cognitivas e sociais. Nesse período de formação da identidade, a espetacularização tende a projetar um modo de vida 'idealizado' e raramente atingível, o que gera sentimentos de fracasso e descontentamento com a própria realidade (tanto em relação a si mesmos quanto aos espaços de vivência, como a escola, o bairro e a cidade). Esse processo enfraquece o senso de pertencimento e a personalidade genuína, culminando em uma fragilização social na medida em que os sujeitos deixam de se reconhecer em seu próprio meio.

Comungando com esta ideia, Rodrigues e Fonseca (2025), defende que a identidade de lugar corresponde aos significados e vínculos afetivos atribuídos a um espaço, construídos a partir de fatores sociais, culturais, ambientais e das experiências vividas. Essa relação, além de emocional, influencia comportamentos sociais, incluindo a disposição para preservar o ambiente.

Desta maneira, se não há vínculos com o local, igualmente não se tem esforços para preservação.

**Entre pertencimento e invisibilidade: a visão dos estudantes**

A fim de compreender de forma mais abrangente, este estudo fundamentou-se também em dados empíricos, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e debates realizados com os alunos e servidores, estabelecendo uma trajetória interpretativa com viés exploratório, focada na tensão entre pertencimento, espetacularização e invisibilidade. Tais entrevistas tiveram como objetivo analisar as percepções dos jovens sobre o bairro (trazendo o exemplo específico da Praça C.H. Forquilhinhas), o sentimento de pertencimento e a construção de suas identidades.

Para a organização dos dados, utilizou-se a técnica do discurso do sujeito coletivo (DSC), visando reconstruir o pensamento compartilhado pelos estudantes.

Complementarmente, optou-se pela transcrição literal de fragmentos discursivos (falas *in natura*), visando preservar a singularidade.

Desta forma, inicialmente, foi realizado um diálogo com a então diretora da instituição, professora Giovanna Quadros, moradora do bairro há mais de quarenta anos, que, entre outros aspectos curiosos, destacou como localidades tradicionais e culturalmente apropriadas pelos moradores o CTG e a Praça C.H. Forquilhinha. Segundo ela, a praça situada nas redondezas da escola é frequentemente utilizada como ponto de encontro e sede de eventos comunitários. A diretora, completa afirmando que o equipamento público é relativamente recente; por muitos anos, a área consistiu em um terreno baldio sem função social definida, razão pela qual a sua urbanização foi celebrada por toda a população local (motivo também pelo qual foi escolhida para uma análise mais específica neste estudo).

Em outro momento, foi aplicado o questionário aos estudantes considerando suas concepções sobre as redes sociais e o território onde habitam. Com base nesses dados, evidenciou-se uma percepção majoritariamente negativa em relação ao lugar que vivem, frequentemente associados à ausência de beleza e atratividade. Quando questionados sobre aspectos positivos, predominou a valorização do comércio local, indicando uma relação mais funcional do que simbólica com o espaço. Nesse contexto, observa-se uma fragilidade no sentimento de pertencimento, visto que, o bairro é reconhecido mais por sua utilidade do que por aspectos que gerem identificação ou orgulho.

Quando provocados a pensar em locais que gostariam de apresentar para pessoas de fora (que não conhecem o bairro), as respostas revelaram certa dificuldade em apontar espaços considerados relevantes ou atrativos. Em uma das respostas, o participante registrou: "E*u não iria levar ninguém para lá porque não tem nada que eu gosto*" e outro disse: "*Levaria um lugar com significado porque é tudo feio*". Essa perspectiva é ainda mais evidente ao se considerar que apenas um entrevistado mencionou a praça próxima à escola como um espaço de apreço, o que corrobora sua baixa valorização no imaginário dos jovens.

Ao abordar a temática das redes sociais e problematizar questões como: Necessidade de apresentar constantemente uma versão idealizada de si; A comparação com a vida de terceiros; O fomento a aquisições pautadas em uma carência ilusória. A maior parte dos estudantes afirmou que, além de sentir a necessidade de se projetar de forma mais atrativa no ambiente digital, também realiza comparações constantes com realidades impares às suas e manifesta impulsos de consumo desnecessários. Destaca-se o relato de

um dos entrevistados: "*Não é porque sou feia pessoalmente que tenho que ser feia nas redes sociais"*. Esse movimento evidencia como a lógica da espetacularização ultrapassa o espaço urbano e incide diretamente na construção da autoimagem, contribuindo para a desvalorização do cotidiano vivido e para o reforço de processos de invisibilização.

A exposição midiática, ampliada pelas redes sociais e frequentemente associada a figuras públicas, estabelece padrões de comportamento que, quando não seguidos, geram estigmatização. Nesse cenário, a aparência é valorizada em detrimento da essência, contribuindo para frustrações e sofrimento psíquico (GOMES; LEITE JUNIOR, 2021).

Com o intuito de evitar interferências nas respostas, optou-se por realizar, apenas após a conclusão das entrevistas, um momento de debate voltado à discussão do pertencimento, da importância do reconhecimento do lugar vivido e da valorização da cultura local, bem como da proposição de melhorias no próprio bairro. Nesse momento, abordou-se também como a lógica da espetacularização pode mascarar realidades e distorcer a percepção dos espaços cotidianos cabendo aos moradores o papel fundamental na promoção de visibilidade às demandas locais. No fechamento da atividade, a discussão foi conduzida de modo a protagonizar a Praça C.H. Forquilhinha, reforçando seu caráter de conquista social. Esse movimento reflexivo gerou um deslocamento na atitude dos discentes, que transmutaram a visão anterior para um reconhecimento da relevância do espaço, demonstrando maior engajamento com sua conservação.

**O papel da educação e arte**

A arte possui a capacidade de transformar o olhar, oferecendo ao adolescente as ferramentas necessárias para interpretar criticamente o mundo que o circunda. Ao apropriar-se de valores culturais e estéticos, o jovem deixa de ser apenas um receptor de estímulos para reconhecer a si mesmo e ao seu território, consolidando um sentido de lugar. Esse despertar permite a construção de uma identidade autêntica, fundamentada na realidade vivida e consciente, distanciando-se das influências superficiais impostas pela lógica da espetacularização.

De acordo com Barbosa (1998), a educação artística ultrapassa a técnica, consolidando-se como uma ferramenta essencial para o autoconhecimento e a consciência cultural. Ao estimular a percepção e o pensamento crítico, a arte capacita o indivíduo a interpretar o ambiente em que está inserido e a utilizar sua criatividade como um efetivo agente de mudança social.

Compreender as tensões que moldam o cotidiano periférico exige, para além do diagnóstico dos apagamentos, a proposição de caminhos que devolvam ao sujeito o seu direito à cidade e à própria narrativa. Nesse sentido, a educação estética e a mediação cultural surgem como dispositivos fundamentais para subverter a passividade imposta pela cultura da imagem, transformando a vivência urbana em um exercício de cidadania e reconhecimento. É a partir desse horizonte que a escola e as práticas artísticas se consolidam como espaços de resistência e reexistência.

Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de práticas socioculturais que promovam o empoderamento juvenil por meio da educação e do acesso à informação como elemento central para o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de questionar padrões impostos pela lógica da espetacularização. Ao ampliar repertórios culturais e estimular a reflexão sobre a própria realidade, a educação possibilita que os jovens reconheçam o valor de seus territórios e de suas vivências.

Tais iniciativas devem incentivar o protagonismo dos jovens, de modo que assumam as rédeas de suas trajetórias e se insiram ativamente em processos significativos. Ao fomentar práticas pautadas na arte, na cultura e no fortalecimento do pertencimento, abre-se espaço para a ressignificação dos vínculos com o bairro, escola, etc. contribuindo para a construção de identidades mais autônomas e para a promoção de transformações sociais enraizadas na realidade local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que a lógica da espetacularização interfere diretamente na maneira como os jovens percebem a si mesmos e à sua comunidade. Esse movimento desvia a atenção e o zelo dos adolescentes em relação a espaços considerados comuns, a exemplo da própria Praça C.H. Forquilhinhas, o que enfraquece os vínculos afetivos locais e fragiliza o sentimento de pertencimento.

Contudo, as reflexões promovidas ao longo deste estudo evidenciaram que o sentimento de pertencimento não é estático, mas sim uma construção social dinâmica, que pode ser ressignificada a partir do momento em que o indivíduo toma consciência de si e do que é importante para sua vida.

Por fim, conclui-**se** que a arte e a educação são instrumentos fundamentais de resistência e transformação social. Ao estimularem o pensamento crítico e ampliarem repertórios culturais, as práticas educativas combatem os efeitos da espetacularização e da

validação externa. Logo, promover a visibilidade do espaço vivido e fomentar o protagonismo juvenil constituem atos essenciais para o fortalecimento comunitário e para a autonomia desses adolescentes perante as lógicas de visibilidade da sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GOMES, Lidiane Bernardo; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. Essência versus aparência? Perspectivas teóricas sobre os transtornos psicológicos numa "sociedade do espetáculo". *ID on line: Revista de Psicologia*, v. 15, n. 55, p. 1-19, 2021. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3000/4828. Acesso em: 6 maio 2026.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua história e suas origens*. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RODRIGUES, Bruno Póvoa; FONSECA, Fabio. Além dos muros: arte urbana, uma discussão política, sociocultural e sua representação geoespacial. *Revista da FUNDARTE*, v. 66, n. 66, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/Anaissem/article/view/244/344. Acesso em: 5 maio 2026.

SOUZA, Beatris Mariano de; REIS, Marcio José dos. Retratos de si: atividades artísticas visuais como promoção de identidade e pertencimento na educação tecnológica. *Revista Sítio Novo*, v. 9, 2025. Disponível em: https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1847/971. Acesso em: 5 maio 2026.

TEIXEIRA, Luis Gustavo. [Foto de capa do grupo Bairro Forquilhinhas, São José, SC]. *Facebook,* [2013?]. Disponível em: https://web.facebook.com/photo?fbid=10203252498741876&set=gm.563674663762427. Acesso em: 26 mai. 2026.